



III CONGRESSO ON-LINE
INTERNACIONAL
DE SUSTENTABILIDADE

ARTESANATO DA BAHIA: ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO COMO PROMOTORES DA SUSTENTABILIDADE

VANEZA PEREIRA NARCISO; MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO; VIVIANE PEREIRA NARCISO

RESUMO

O modo de produção associado ou cooperativado tem em sua gênese a intenção em defender os direitos sociais dos seus integrantes. Os artesãos buscam em grupo o que não se pode alcançar de forma individual. Além disso, a ideia da sustentabilidade caminha entre as ações dessas organizações, principalmente quando formadas por mulheres. No entanto, observa-se que as fragilidades das relações sociais e familiares das mulheres que participam da construção da sustentabilidade das associações, interferem na continuidade do saber-fazer artesanal. Assim, este artigo objetiva apresentar como as artesãs das associações de artesanato da renda de bilro na Bahia desenvolvem ações promotoras do empoderamento de mulheres e que lhe permitem ser protagonistas da sustentabilidade da produção artesanal. Para isso, a pesquisa valeu-se metodologicamente de uma revisão de literatura onde a busca bibliográfica envolveu as base de dados, tais como, Google Acadêmico, portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e no site do Mapa das Organizações da Sociedade Civil. Observou-se que das 272 associações de artesanato na Bahia, 69 delas são auto nomeadas composta apenas por mulheres e que destas, apenas duas trabalham com a renda de bilro. Ainda verifica-se que a questão de gênero permeia a atuação dessas artesãs que enfrentam desafios relacionados à gestão empresarial e a divisão do tempo entre o artesanato e as tarefas domésticas. Conclui-se que estas duas associações do artesanato da renda de bilro na Bahia desenvolvem ações voltadas para o empreendedorismo, cursos e oficinas de artesanato para a comunidade e confrontam as questões de gênero.

Palavras-chave: Mulheres; Produção artesanal; Trabalho; Renda de bilro; Comunidades tradicionais.

ABSTRACT

The associated or cooperative mode of production has in its genesis the intention to defend the social rights of its members. Artisans seek as a group what cannot be achieved individually. In addition, the idea of sustainability walks among the actions of these organizations, especially when formed by women. However, it is observed that the fragilities of the social and family relationships of the women who participate in the construction of the sustainability of the associations, interfere in the continuity of the artisanal know-how. Thus, this article aims to present how the artisans of the bobbin lace craft associations in Bahia develop actions that promote the empowerment of women and that allow them to be protagonists of the sustainability of artisanal production. For this, the research methodologically used a literature review where the bibliographic search involved databases, such as Google Scholar, the journal portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel and the website of the Map of Organizations of the Civil society. It was observed that of the 272 craft associations in Bahia, 69 of them are self-appointed, composed only of women and that of these, only two work with bobbin lace. It is also verified that the gender issue permeates the performance of these artisans who face challenges related to business management and the division of time between handicrafts and domestic tasks. It is concluded that these two bobbin lace craft associations in Bahia develop actions aimed at entrepreneurship, courses and craft workshops for the community and confront gender issues.

Key Words: Women; Craft production; Work; Bobbin lace; Traditional communities..

1 INTRODUÇÃO

A Coordenação de Fomento ao Artesanato (CFA), indica que a Bahia possui atualmente 14 mil artesãos cadastrados, destes, 5 a 6 mil estão ativos (MARQUES, 2022) e produzindo quer de modo solitário, ou em cooperativas ou em associações. Produzir junto a um coletivo remota as oficinas de artesãos que possuem origem nas guildas que, por sua vez, tinham lastro “na transmissão de geração em geração dos conhecimentos concretos e práticos” destinados a fazê-las sustentáveis. O “capital de conhecimento” era considerado a fonte do poder econômico da guilda” (SENNETT, 2009). Atualmente, a transmissão do saber continua sendo fator potencial para o desenvolvimento sustentável das organizações de produção artesanal.

Além disso, verifica-se que as mulheres têm buscado no trabalho artesanal, autonomia e empoderamento fazendo com que o associativismo possa ser relacionado à questão de gênero. Este entrelaçamento suscita indagações sobre como a sustentabilidade e sua dimensão social podem ser observadas na gestão das organizações e nos projetos desenvolvidos por elas. Nisto, ratifica-se que o objetivo primário para formalização de uma organização associativa é a busca pelo desenvolvimento socioeconômico e cultural do coletivo (MUÑOZ, 2012).

Este artigo justifica-se por sua relevância social no tocante a possibilitar que as mulheres vejam nos projetos sociais, dentro das associações e cooperativas, um caminho que conduza ao desenvolvimento sustentável emancipatório do saber-fazer artesanal. Bem como, pela sua relevância econômica ao permitir que os modelos de gestão das associações contemplem a diversificação dos canais de distribuição dos produtos artesanais e a implementação de ações que tornam as artesãs protagonistas da construção da sustentabilidade.

Assim, objetiva-se que esta pesquisa auxilie as associações e cooperativas de artesanato a serem espaços em que a sustentabilidade, em sua dimensão social, ganhe corpo e se fortaleça diariamente.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Através de uma revisão de literatura, buscou-se nos trabalhos científicos localizados nas seguintes bases de dados, Google Acadêmico (GA), portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Business Source Complete (EBSCO), compreender a origem e evolução do associativismo e cooperativismo no Brasil. A bibliografia consultada serviu de base para uma aproximação às características da diversidade cultural imbricada na produção artesanal na Bahia, com destaque para a renda de bilro, e como o modo de produção associado pode contribuir com a sustentabilidade do saber-fazer artesanal.

A revisão de literatura apresentou a orientação do “referencial conceitual e das teorias que fornecem sustentação a seus pressupostos básicos” (GIL, 2022) acerca do tema associativismo e cooperativismo no setor artesanal da Bahia com atenção especial para a técnica da renda de bilro. Além disso, a base de dados do Mapa das Organizações da Sociedade Civil permitiu a catalogação das associações de artesanato na Bahia que se auto nomeiam compostas por mulheres e a identificação das associações que trabalham na preservação da técnica da renda de bilro.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Associações são organizações que têm por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe e filantrópicas. Enquanto que as cooperativas são essencialmente econômicas e seu principal objetivo é viabilizar o negócio produtivo de seus associados junto ao mercado.

A motivação para organizar-se pode ser espontânea, no entanto agrupar-se ocorre “não porque o ser humano é essencialmente gregário, mas é segregacionista, é sectário, e se agrupa por necessidade de sobrevivência”, ou seja, o indivíduo busca em grupo aquilo que não consegue sozinho. A busca pelo bem comum e do trabalho em cooperação se contrapõe à regra do capitalismo, ou economia de mercado, em que “imperava a lei da selva onde os mais fortes sobrevivem” (MUÑOZ, 2012).

O cooperativismo tem como base combater a “má distribuição das riquezas, as restritas oportunidades sociais, a luta por melhores condições de vida, o reconhecimento da liberdade de organização” e possui como valores o “associativismo, à solidariedade e à cooperação, ao reconhecimento de seus protagonistas como sujeitos, com valor e dignidade”, deste modo objetiva-se a defesa do interesse do trabalho humano contra o interesse do capital (FRANZT, 2012, p. 11).

O entendimento do trabalho associado ou cooperado perpassa pelo estudo das oficinas de artesãos que têm sua origem nas guildas. O historiador Robert Lopez define guilda como “uma federação de oficinas autônomas, cujos proprietários [os mestres] geralmente tomavam as decisões e fixavam as exigências de promoção das funções inferiores [jornaleiros, ajudantes temporários ou aprendizes]” (SENNETT, 2009).

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial mudaram a dinâmica do espaço de trabalho do indivíduo que antes se fundia na oficina artesanal e que possuía algumas características, tais como: inexistência de uma divisão mais complexa do trabalho, pois misturava-se o trabalho físico e mental, executivo e criativo e as questões e as relações locais predominavam na vida das pessoas. No entanto, na produção industrial alguns aspectos se destacam, a saber: a separação entre capital e trabalho, com crescentes conflitos nas relações de trabalho e maior mobilidade geográfica e social das pessoas e famílias (FRANZT, 2012, p. 11).

A sustentabilidade da produção artesanal associada e cooperada pode ser relacionada às questões relacionadas ao gênero, onde as relações sociais são caracterizadas pela desigualdade de poder entre mulheres e homens. Isto é ainda mais relevante quando observa-se que “as mulheres são hoje mais da metade da população brasileira e exercem papel fundamental, não só na organização familiar, como também no sucesso da produção econômica do país” e que “as cooperativas e associações tornaram-se ambientes da presença atuante da mulher”. Dentre as ações que objetivam o equilíbrio na questão de gênero nas associações, mencionam-se o desenvolvimento de “projetos específicos de acordo com a realidade de cada localidade”, bem como o “fomento à implantação de projetos que promovam a inclusão de mulheres e jovens” (BRASIL, 2012).

A produção do artesanato na Bahia envolve diversas técnicas herdadas dos povos originários, negros e europeus, e que possibilitam materializar a intenção do artesão que utiliza-se da transformação da matéria-prima para elaboração dos artefatos (PEREIRA, 1957). Observa-se que a Bahia possui 27 Territórios de Identidade que compõem nove Pólos Territoriais do Artesanato. Estes pólos estão agrupados de acordo com seus segmentos artesanais e fluxo turístico onde são destacadas as principais técnicas elaboradas nos respectivos territórios, dentre elas, a renda de bilro (ARTESANATO DA BAHIA, 2022).

Os registros mais antigos sobre a renda de bilro datam dos séculos XV e XVI, porém, sem um marco temporal específico. De acordo com Oliveira (2014, p. 5), fortes indícios apontam que a técnica pode ter surgido entre Portugal e Espanha, por volta dos séculos XII e

XIII (OLIVEIRA, 2014, p. 5). Quase não há relatos sobre a origem das rendas no Brasil (RAMOS, 1948, p. 35-36).

Analisar tal diversidade do artesanato baiano serve de base para o mapeamento das associações que são compostas exclusivamente por mulheres e que trabalham com a técnica da renda de bilro. A base de dados do Mapa das Organizações da Sociedade Civil (OSC) permitiu a construção do Tabela 1 onde consta o número de associações que foram registradas até 2020. Deste modo, catalogou-se 272 associações de artesanato existentes na Bahia, sendo 69 auto nomeadas formada por mulheres, 50 trabalham com a técnica da costura, 10 com o bordado, 10 não especifica a técnica na nomenclatura da associação e duas delas dedicadas a técnica da renda de bilro (IPEA, 2022).

Tabela 1 - Associações de artesanato na Bahia compostas por mulheres e as técnicas desenvolvidas

Associações de artesanato	Associações auto nomeada de artesãs	Técnica da costura	Técnica do bordado	Técnica da renda de bilro	Técnica não especificada
272	69	50	10	2	10

Fonte: Autores (2022).

Os dados constantes no site Mapa das Organizações da Sociedade Civil ajudam na construção do Tabela 2 e na identificação de duas associações que se dedicam à preservação do saber-fazer da renda de bilro na Bahia. Uma é a Associação dos Artesãos de Saubara (também conhecida como Casa das Rendeiras) que foi fundada em 1999 e possui atualmente 110 associadas, das quais 55 estão em atividade. Destas, 43 artesãs atuam na produção da renda de bilro e outras 12 estão dedicadas ao artesanato de palha. Para a promoção da sustentabilidade do artesanato da renda de bilro, são ministrados cursos de renda de bilro direcionados aos mais jovens (CASA DAS RENDEIRAS, 2022). Em 2006 e 2016 a Casa das Rendeiras ganhou o prêmio SEBRAE Top 100 de Artesanato que tem como objetivo “identificar e premiar as unidades produtoras de artesanato mais competitivas do Brasil” (SEBRAE, 2022). Através do Edital 006/2020 a Associação ofertou no ano de 2021 a Oficina de Renda de Bilro para jovens e adolescentes da comunidade de Saubara (SAUBARA, 2021).

A outra é a Associação das Rendeiras de Dias D’Ávila (Rendavan) que foi fundada em 2009 e possui 33 associadas. Tal associação tem como objetivo ensinar a técnica da renda de bilros e bordado para jovens e adultos da comunidade e região metropolitana de Salvador, bem como difundir e preservar essa técnica. Em 2022 a Rendavan ganhou o prêmio Sebrae Top 100 de Artesanato (RENDAVAN, 2014). Em 2017, a Rendavan formou 160 homens e mulheres de Dias D’Ávila e da região, que participaram do projeto Nosso Bordado Resgatando a renda de bilros, com o apoio do Fundo de Cultura da Bahia (SECULT/BA, 2017). Segundo Dinoélia Trindade, coordenadora da Associação, o projeto foi elaborado para “valorização social [e] a promoção das mulheres” (BAHIA, 2017) o que envolve a preservação da técnica tradicional e a participação em Rodas de Diálogos que contemplam os temas acerca do empreendedorismo, associativismo e turismo étnico. Já em 2018, o projeto contemplado foi o Costurando Renda e Tecendo Autonomia participante do Edital Março Mulheres (BAHIA, 2018).

Tabela 2 - Ações de sustentabilidade das associações dedicadas a técnica da renda de bilro na Bahia

Nome	Localização	Ano de fundação	Ações de sustentabilidade
Associação de Artesãos de Saubara (Casa das Rendeiras)	Saubara	1999	premiação TOP 100 do SEBRAE em 2006 e 2016; oficina de renda de bilro.
Associação das Rendeiras de Dias D'Ávila (Rendavan)	Dias D'Ávila	2009	projeto Nosso Bordado Resgatando a renda de bilros; projeto Costurando Renda e Tecendo Autonomia; premiação TOP 100 do SEBRAE em 2022.

Fonte: Autores (2022).

Portanto, ambas associações têm como bem comum a defesa de direitos sociais como a arte e a cultura. No entanto, não se deve subestimar a importância das associações na busca por autonomia dos associados e na atuação emancipatória dentro das relações de gênero. Depreende-se diante desta pesquisa que as associações das rendeiras de Saubara e Dias D'Ávila são pontos de referências no tocante ao desenvolvimento sustentável do saber-fazer artesanal.

4 CONCLUSÃO

Objetivando apresentar como associações de artesãs podem promover a sustentabilidade do saber-fazer artesanal, este artigo trouxe uma reflexão sobre os temas do associativismo e cooperativismo, bem como a relação destes com a questão de gênero. Conclui-se que tal relação no modo de produção do artesanato é fundamental visto que as mulheres atuam tanto como cuidadoras do lar como provedoras da família. É no trabalho de fazer artesanato que elas encontram uma oportunidade para elevar a auto estima, empoderamento e autonomia na gestão empresarial. Isto pode ser corroborado pelas ações das duas associações pesquisadas neste artigo, mas que não encerram o estudo sobre como o modo de produção associado pode efetivar direitos e garantir a sustentabilidade do saber-fazer artesanal.

REFERÊNCIAS

ARTESANATO DA BAHIA. **Institucional**. Disponível em: <https://artesanatodabahia.com.br/institucional/#polos> Acesso em: 09 jan. 2023.

BAHIA. **Ato 001/2018 da Comissão de Seleção de Projetos - Edital Março Mulheres**. 2018.

BAHIA. **Rendeiras recebem certificação do edital Março Mulheres**. 2017. Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov.br/2017/12/1973/Rendeiras-recebem-certificacao-do-edital-Marco-Mulheres.html> Acesso em: 14 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Gênero, cooperativismo e associativismo : coopergênero, integrando a família cooperativista**. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Brasília : Mapa/ACS, 2012.

CASA DAS RENDEIRAS. **Sobre Nós**. 2022. Disponível em: <https://casadasrendeirasdesaubara.com.br/about-me/> Acesso em: 16 jan. 2023.

FRANZT, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2012. p. 162.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022. p. 186.

IPEA. **Mapa das Organizações da Sociedade Civil**. 2022. Disponível em: <https://mapaosc.ipea.gov.br/base-dados> Acesso em: 16 jan. 2023.

MARQUES, V. **Artesãos baianos superam os tempos desfavoráveis da pandemia**. Jornal A Tarde. 06 fev. 2022. Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/artesaos-baianos-superam-os-tempos-desfavoraveis-da-pandemia-1186262> Acesso em: 16 jan. 2023.

MUÑOZ, E. **Associativismo e Cooperativismo: uma estratégia de organização empreendedora e solidária**. Florianópolis, 2012. p. 48.

OLIVEIRA, M. P. **Coleção Luíza Ramos: um Nordeste imaginado em rendas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

PEREIRA, C. J. da C. **Artesanato e arte popular**. Salvador: Progresso, 1957. p. 187.

RAMOS, A. e L. **A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil**. Rio de Janeiro: Publicações da Sociedade Brasileira e Antropologia e Etnologia, 1948. p. 77.

RENDAVAN. **Sobre**. 2014. Disponível em: https://web.facebook.com/rendavan/?_rdc=1&_rdr Acesso em: 16 jan. 2023.

SAUBARA(BA). Edital 001/2021. **Oficina de Bilro de Renda**. 2021.

SEBRAE. **Prêmio Top 100 de Artesanato**. 2022. Disponível em: <https://www.top100.sebrae.com.br/> Acesso em: 16 jan. 2023.

SECULT/BA. Secretaria de Cultura da Bahia. **Projeto Nosso Bordado valoriza a cultura da Renda de Bilro**. 2017. Disponível em : <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/noticias/makepdf.php?storyid=13895> Acesso em: 14 jan. 2023.

SENNETT, R. **O artífice**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009. p. 360.